

143. — *Deve acreditar-se na influencia oculta de certos objetos, como jóias, etc., que parecem acompanhados de uma atuação infeliz e fatal?*

— Os objetos, mórmente os de uso pessoal, têm a sua história viva e, por vezes, podem constituir o ponto de atenção das entidades perturbadas, de seus antigos possuidores no mundo; razão pela qual parecem tocados, por vezes, de singulares influencias ocultas, porém, nosso esforço deve ser o da libertação espiritual, sendo indispensavel lutarmos contra os fétiches, para considerar tão sómente os valores morais do homem na sua jornada para o Perfeito.

144. — *Os fenómenos premonitórios atestam a possibilidade da preciencia com relação ao futuro?*

— Os espíritos de nossa esfera não podem devasar o futuro, considerando essa atividade uma característica dos atributos do Criador Supremo, que é Deus.

Temos de considerar, todavia, que as existencias humanas estão subordinadas a um mapa de provas gerais, onde a personalidade deve movimentar-se com o seu esforço para a iluminação do porvir, e, dentro desse roteiro, os mentores espirituais mais elevados podem organizar os fatos premonitórios, quando convenham á demonstração de que o homem não se resume a um conglomerado de elementos químicos, de conformidade com a definição do materialismo dissolvente.

145. — *Que dizemos da cartomância em face do espiritismo?*

— A cartomância pôde enquadrar-se nos fenómenos psíquicos, mas não no espiritismo evangélico, onde o cristão deve cultivar os valores do seu mundo íntimo pela fé viva e pelo amor no coração, buscando servir a Jesus no santuário de sua alma, não tendo outra vontade que não aquela de se elevar ao seu amor pelo trabalho e iluminação de si mesmo, sem qualquer preocupação pelos acontecimentos nocivos que se foram,

ou pelos fatos que hão de vir, na sugestão nem sempre sincera dos que devassam o mundo oculto.

TRANSIÇÃO

146. — *É fatal o instante da morte?*

Com exceção do suicídio, todos os casos de desencarnação são determinados préviamente pelas fôrças espirituais que orientam a atividade do homem sobre a Terra.

Esclarecendo-vos quanto á essa exceção, devemos considerar que, se o homem é escravo das condições externas da sua vida no orbe, é livre no mundo íntimo, razão porque, trazendo no seu mapa de provas a tentação de desertar da vida expiatória e retificadora, contrai um débito penoso aquele que se arruina, desmantelando as proprias energias.

A educação e a iluminação do íntimo constituem o amor ao santuário de Deus em nossa alma. Quem as realiza em si, na profundeza da liberdade interior, pôde modificar o determinismo das condições materiais de sua existência, alcançando-a para a luz e para o bem. Os que eliminam, contudo, as suas energias proprias, atentam contra a luz divina que palpita em si mesmos. Daí o complexo de suas dívidas dolorosas.

E existem ainda os suicídios lentos e gradativos, provocados pela ambição ou pela inércia, pelo abuso ou pela inconsideração, tão perigosos para a vida da alma, quanto os que se observam, de modo espetacular, entre as lutas do mundo.

Essa a razão pela qual tantas vezes se batem os instrutores dos encarnados pela necessidade permanente de oração e de vigilancia, afim de que os seus amigos não fracassem nas tentações.

147. — *A morte proporciona mudanças inesperadas e certas modificações rápidas, como será de desejar?*

— A morte não prodigaliza estados miraculosos para a nossa consciencia.

Desencarnar é mudar de plano, como alguém que se transferisse de uma cidade para outra, aí no mundo, sem que o fato lhe altere as enfermidades ou as virtudes, com a simples modificação dos aspectos exteriores. Importa observar apenas a ampliação desses aspectos, comparando-se o plano terrestre com a esfera de ação dos desencarnados.

Imaginaí um homem que passa de sua aldeia para uma metrópole moderna. Como se haverá, na hipótese de não se encontrar devidamente preparado em face dos imperativos da sua nova vida?

A comparação é pobre, mas serve para esclarecer que a morte não é um salto dentro da natureza. A alma prosseguirá na sua carreira evolutiva, sem milagres prodigiosos.

Os dois planos, visível e invisível, se interpenetram no mundo e se a criatura humana é incapaz de perceber o plano da vida imaterial, é que o seu sensório está habitado á certas percepções, sem que lhe seja possível, por enquanto, exorbitar da janela estreita dos cinco sentidos.

148. — *Que espera o homem desencarnado, diretamente, nos seus primeiros tempos da vida de além-túmulo?*

— A alma desencarnada procura naturalmente as atividades que lhe eram prediletas nos círculos da vida material, obcecando aos laços afins, tal quel se verifica nas sociedades do vosso mundo.

As vossas cidades não se encontram repletas de associações, de gremios, de classes inteiras que se reúnem e se sindicalizam para determinados fins, conjugando identicos interesses de vários indivíduos? Aí, não se abraçam os agiotas, os políticos, os comerciantes,

os sacerdotes, objetivando cada grupo a defesa dos seus interesses proprios?

O homem desencarnado procura ansiosamente, no Espaço as aglomerações afins com o seu pensamento, de modo a continuar o mesmo genero de vida abandonado na Terra, mas, em se tratando de criaturas apaixonadas e viciosas, a sua mente encontrará as obsessões de materialidade, quais as do dinheiro, do alcool, etc.; obsessões que se tornam o seu martírio moral de cada hora, nas esferas mais próximas da Terra.

Daí a necessidade de encararmos todas as nossas atividades no mundo como a tarefa de preparação para a vida espiritual, sendo indispensavel á nossa felicidade, além do sepulcro, que tenhamos um coração sempre puro.

149. — *Logo após a morte, o homem que se desprende do envólucro material pôde sentir a companhia dos entes amados que o precederam no além-túmulo?*

— Se a sua existencia terrestre foi o apostolado do trabalho e do amor a Deus, a transição do plano terrestre para a esfera espiritual será sempre suave.

Nessas condições, poderá encontrar imediatamente aqueles que foram objeto de sua afeição no mundo, na hipótese de se encontrarem no mesmo nível de evolução. Uma felicidade doce e uma alegria perene estabelecem-se nesses corações amigos e afetuosos, depois das amarguras da sparção e da prolongada ausencia.

Entretanto, aqueles que se desprendem da Terra saturados de obsessões pelas posses efêmeras do mundo e tocados pela sombra das revoltas incomprensíveis, não encontram tão depressa os entes queridos que os antecederam na sepultura. Suas percepções restritas a atmosfera escura dos seus pensamentos, seus valores negativos impossibilitam as doces venturas do reencontro.

É por isso que observais, tantas vezes, espíritos sofredores e perturbados fornecendo a impressão de cria-

turas desamparadas e esquecidas pela esfera da bondade superior, mas, que, de fato, são desamparados por si próprios, pela sua perseverança no mal, na intenção criminosa e na desobediência aos sagrados desígnios de Deus.

150. — *É possível que os espiritistas venham a sofrer perturbações depois da morte?*

— A morte não apresenta perturbações á consciência reta e ao coração amante da verdade e do amor, dos que viveram na Terra tão sómente para o cultivo da prática do bem, nas suas variadas fórmulas e dentro das mais diversas crenças.

Que o espiritista cristão não considere o seu título de aprendiz de Jesus como um simples rótulo, ponderando a exortação evangélica — “muito se pedirá de quem muito recebeu” — preparando-se nos conhecimentos e nas obras do bem, dentro das experiências do mundo para a sua vida futura, quando a noite do túmulo houver descerrado aos seus olhos espirituais a visão da verdade, em marcha para as realizações da vida imortal.

151. — *O espírito desencarnado pôde sofrer com a cremação dos elementos cadavéricos?*

— Na cremação faz-se mister exercer a piedade com os cadáveres, procrastinando por mais horas o ato de destruição das vísceras materiais, pois, de certo modo, existem sempre muitos élos de sensibilidade entre o espírito desencarnado e o corpo onde se extinguiu o “tónus vital”, nas primeiras horas sequentes ao desenlace, em vista dos fluidos orgânicos que ainda solicitam a alma para as sensações da existência material.

152. — *A morte violenta proporciona aos desencarnados sensações diversas da chamada “morte natural”?*

— A desencarnação por acidentes, os casos fulminantes de espandimento proporcionam sensações muito

dolorosas á alma desencarnada, em vista da situação de surpresa á face dos acontecimentos supremos e irremediáveis. Quasi sempre, em tais circunstancias, a criatura não se encontra devidamente preparada e o imprevisto da situação lhe traz emoções amargas e terríveis.

Entretanto, essas surpresas tristes não se verificam para as almas, no caso das enfermidades dolorosas e prolongadas, em que o coração e o raciocínio se tocam das luzes das meditações sadias, observando as ilusões e os prejuizos do excessivo apêgo á Terra, sendo justo considerarmos a utilidade e a necessidade das dores físicas, nesse particular, porquanto, sómente com o seu concurso precioso pôde o homem alijar o fardo de suas impressões nocivas do mundo, para penetrar tranquilamente os umbrais da vida no Infinito.

153. — *Se a hora da morte não houver chegado, poderá o homem perecer sob os perigos que o ameacem?*

— Nos aspectos externos da vida, e desde que o espírito encarnado proceda de conformidade com os ditames da consciência retilínea e do coração bem intencionado, sem a imponderação dos precipitados e sem o egoísmo dos ambiciosos, toda e qualquer defesa do homem reside em Deus.

154. — *Quais as primeiras impressões dos que desencarnam por suicídio?*

— A primeira decepção que os aguarda é a realidade da vida que não se extingue com as transições da morte do corpo físico, vida essa agravada por tormentos pavorosos, em virtude de sua decisão tocada de suprema rebeldia.

Suicidas ha que continuam experimentando os padecimentos físicos da última hora terrestre, em seu corpo somático, indefinidamente. Anos a fio, sentem as impressões terríveis do tóxico que lhes aniquilou as energias, a perfuração do cérebro pelo corpo estranho utilizado com a arma do gesto supremo, o pêso das rodas

pesadas sob as quais se atiraram na ansia de desertar da vida, a passagem das águas silenciosas e tristes sobre os seus despojos, onde procuraram o olvido criminoso de suas tarefas no mundo e, comumente, a pior emoção do suicida é a de acompanhar, minuto a minuto, o processo da decomposição do corpo abandonado no seio da terra, verminado e apodrecido.

De todos os desvios da vida humana o suicídio é, talvez, o maior deles pela sua característica de falso heroísmo, de negação absoluta da lei do amor e de suprema rebeldia á vontade de Deus, cuja justiça nunca se fez sentir junto dos homens, sem a luz da misericórdia.

155. — *O receio da morte revela falta de evolução espiritual?*

— Nesse sentido, não podemos generalizar semelhante definição.

No que se refere a esses receios, somos obrigados a reconhecer, muitas vezes, as razões aduzidas pelo amor, sempre sublimes na sua manifestação espiritual. Todavia, não é justo que o crente sincero se encha de pavores ante a idéia de sua passagem para o plano invisível aos olhos humanos, sendo oportuno o conselho de uma preparação permanente do homem para a vida nova que a morte lhe apresentará.

156. — *Os espíritos logo após a sua desencarnação ficam satisfeitos pela possibilidade de se comunicarem conosco?*

— De um modo geral, muito reduzido é o número das criaturas humanas que se preparam para as emoções da morte, no desenvolvimento dos seus trabalhos comuns na Terra e, frequentemente, as meditações da enfermidade não bastam para uma situação de perfeita tranquilidade, nos primeiros tempos do além-túmulo. Eis o motivo pelo qual tão salutares se fazem as vossas reuniões de estudo e de evangelização, ás quais concorre

grande número de irmãos nossos ansiosos por uma palavra da Terra, porquanto, as impressões que trazem do mundo não lhes permitem a percepção dos mentores elevados, das mais altas esferas espirituais.

157. — *Os espíritos desencarnados podem ouvir-nos e ver-nos quando queremos? Como procedem para realizar semelhante desejo?*

— Isso é possível, não quando querem, mas quando o mereçam, mesmo porque, existem espíritos culpados que, sómente muitos anos após o desprendimento do mundo, conseguem a permissão de ouvir a palavra amiga e confortadora dos seus irmãos ou entes amados, da Terra, afim-de se orientarem no labirinto dos sofrimentos expiatórios. O comparecimento de uma entidade recém-desencarnada ás reuniões do Evangelho já significa uma benção de Deus para o seu coração desiludido, porquanto, essa circunstancia se faz acompanhar dos mais elevados benefícios para a sua vida interior.

Quanto ao processo do seu contacto convoseco, precisamos considerar que os seres do Além-Túmulo, em sua generalidade, para se comunicar nos ambientes do mundo adaptam-se ao vosso modo de ser, condicionando suas faculdades á vossa situação fluidica na Terra; razão pela qual, nesses instantes, na forma comum, possuem a vossa capacidade sensorial, restringindo as suas vibrações de modo a se acomodarem, de novo, ao ambiente terrestre.

158. — *Se uma criatura desencarna deixando inimigos na Terra, é possível que continue perseguindo o seu desafeto, dentro da situação de invisibilidade?*

— Isso é possível e quasi geral, no capítulo das relações terrestres, porque, se o amor é o laço que reúne as almas nas alegrias da liberdade, o ódio é a algema dos forçados, que os prende reciprocamente no cárcere da desventura.

Se alguém partiu odiando e se no mundo o desafeto

faz questão de cultivar os germens da antipatia e das lembranças cruéis, é mais que natural que, no plano invisível perseverem os elementos da aversão e da vindita implacáveis, em obediência às leis de reciprocidade, depreendendo-se daí a necessidade do perdão com o inteiro esquecimento do mal, afim-de que a fraternidade pura se manifeste através da oração e da vigilância, convertendo o ódio em amor e piedade, com os exemplos mais santos, no Evangelho de Jesus.

159. — *No caso das perseguições dos inimigos espirituais, a sua ação se realiza sem o conhecimento dos nossos guias amorosos e esclarecidos?*

— As chamadas atuações do plano invisível, de qualquer natureza, não se verificam á revelia de Jesus e de seus prepostos, mentores do homem na sua jornada de experiências para o conhecimento e para a luz.

As perseguições de um inimigo invisível têm um limite e não afetam o seu objeto senão na pauta de sua necessidade própria, porquanto, sob os olhos amoráveis dos vossos guias do plano superior, todos esses movimentos têm uma finalidade sagrada, como a de ensinar-vos a fortaleza moral, a tolerância, a paciência, a conformação, nos mais sagrados imperativos da fraternidade e do bem.

160. — *Os espíritos desencarnados se dividem, igualmente, nas esferas mais próximas da Terra em seres femininos e masculinos?*

— Nas esferas mais próximas do planeta, as almas desencarnadas conservam as características que lhes eram mais agradáveis nas atividades da existencia material, considerando-se que algumas que perambulam no mundo com uma veste orgânica imposta pelas circunstâncias da tarefa a realizar junto às criaturas terrenas, retomam as suas condições anteriores á reencarnação, então enriquecidas, se bem souberam cumprir

os seus deveres no plano das dores e das dificuldades materiais.

Dilatando, porém, a questão, devemos ponderar que os espíritos com esses ou aqueles traços característicos, estão em marcha para Deus, purificando todos os sentimentos e embelezando as faculdades próprias, afim-de refletirem a luz divina, transformando-se, então, nessas ou naquelas condições, em perfeitos executores dos desígnios do Eterno.

II

SENTIMENTO

ARTE

161. — *Que é arte?*

— A arte pura é a mais elevada contemplação espiritual por parte das criaturas. Ela significa a mais profunda exteriorização do ideal, a divina manifestação desse “mais além” que polariza as esperanças da alma.

O artista verdadeiro é sempre o “médium” das belezas eternas e o seu trabalho, em todos os tempos, foi tanger as cordas mais vibráteis do sentimento humano, alçando-o da Terra para o Infinito e abrindo, em todos os caminhos, a ansia dos corações para Deus, nas suas manifestações supremas de beleza, de sabedoria, de paz e de amor.

162. — *Todo artista pôde ser também um missionário de Deus?*

— Os artistas, como os chamados sábios do mundo, podem enveredar, igualmente, pelas cristalizações do convencionalismo terrestre, quando nos seus corações não palpita a chama dos ideais divinos, mas, na maioria das vezes, têm sido grandes missionários das idéias, sob a égide do Senhor, em todos os departamentos da ativi-